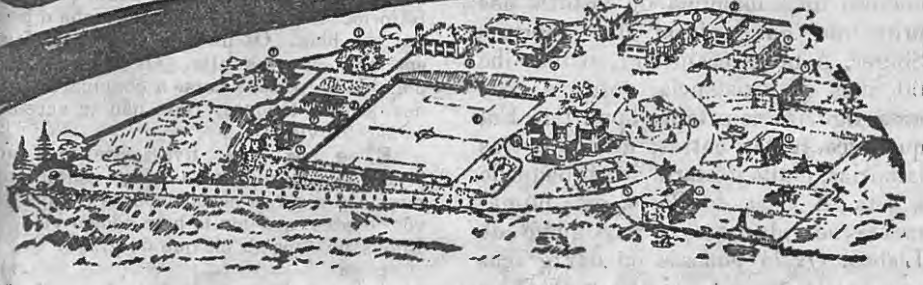




Gaiato

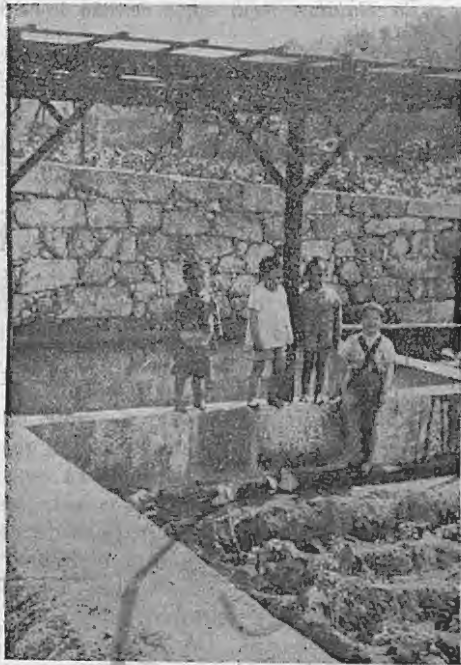


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Gaiato do Pôrto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628-Pôrto



Ao calor do sol e bafo dos companheiros, crescem futuros dirigentes da Obra

CRÁPULA

que este pequenino mundo oferece, não se encontra tanto nêle como naqueles que o afastam.

Estas infinitas legiões de mocidade portuguesa, por menos afortunadas, não podem ser repelidas, pois que são a nossa porção. Não é de forma nenhuma a desigualdade que desequilibra o fiel da balança; é mas é a injustiça. Ora nós seremos tanto mais injustos quanto mais cruelmente nos afastarmos dos da nossa carne.

O Evangelho tem aqui tôda a sua força. Jesus de Nazaré abriu as portas de um novo mundo, quando mandou sentar à nossa mesa aquêles que não podem retribuir. Quem não entrar por esta porta, não compreendeu a essência dêle, nem a responsabilidade do nome de cristão. De nada vale envergar opas de seda, ser-se juiz de irmandades, ter capela em sua casa, como, em regra, são e tem muitos dos que não querem nada com a crápula; e são tão faceis em produzi-la!

São os sublimes do mundo, de fimbrias immaculadas que se não querem sujar na poeira dos caminhos, e sujam as fontes onde o povo bebe!

São os herdeiros de grandes fortunas amealhadas por outros, que nunca experimentaram a doçura de comer pão feito de suor; e cuidam que na verdade merecem aquilo que disfrutam. Dai, a cegueira.

Se são muitas, as causas dos atropelados do mundo, como dizem os mestres de sociologia, esta sorte de cegueira não é de todas a menor. Não é.

Mas, felizmente, estes reparos ao mal que fazemos, são autênticas aberrações. Salvo um punhado de senhores e de senhoras dos tempos do arco da velha, tudo o mais quere ser da nova lei. Hoje sabe-se onde está o verdadeiro mal e combate-se eficazmente o perigo. Como? Debruçando-se cada um sobre a fraqueza dos deserdados. E' prece, Senhor.

O Estado, também assim o entende. Os problemas de assistência ao nosso semelhante, estão na primeira página do livro.

Governo e seus Homens, procuram sinceramente desenterrar as tabuas da lei. Nunca se viu como agora um desejo tão activo de melhorar o que está e de fazer mais e melhor. Doenças físicas e morais que atacam a humanidade, começam a ser sentidas e até sofridas, pelos que podem e querem aliviar. Os nossos proprios irmãos das prisões, encontram agora em muitas delas ambiente mais compreensivo, de expiarem as suas culpas.

A sorte dos leprosos, dos cancerosos, dos loucos, dos tísicos, coisas nossas que nos afligem—nada disto entrava no Parlamento. Não entrava, que havia lá um negócio muito mais sério, qual era o de saber-se quem havia de ser o maior no reino de Portugal. Que o diga a Senhora D. Amélia quando, naquele tempo, procurou interessar o governo na sorte dos estropeados.

Ela, que vem agora ao pé de nós, ver o sangue que deixou na sua via dolorosa—Ela pode falar.

Começa-se hoje a estimar o sorriso da criança. Vê-se hoje a intenção de nos tornarmos compassivos da triste herança destes seres humanos e de evitar que ela, a herança, aumente no abandono das ruas. Compreende-se hoje, ser impossível que uma sociedade possa respirar, se não chama para junto de si, no tempo próprio e com meios adequados, todos quantos são da Comunidade. Não é fazê-los iguais, que isso vai de encontro às leis da natureza; é coloca-los no seu meio. Hoje, sim, há êste movimento. Nota-se sobejamente na letra de decretos, nas afirmações de discurso e na vontade dos homens com letra maiuscula. Os tais cavalheiros que, por muito empestados tem medo da peste, êsses não contam.

Mandei a Coimbra um rapaz. Chegou a casa com dinheiro a mais.

—Que é isso?

Fora um senhor que na estação lhe perguntara quem êle era e como o rapaz dissesse ser da Casa do Gaiato, aquêle senhor deu-lhe um abraço e pagou as despesas da viagem. Sim. Hoje procura-se ser compassivo e evitar que a triste herança destes seres, seja aumentada no abandono das ruas.

Pois meu senhor, tome lá o abraço que deu ao meu filho, em Coimbra, o qual vai agora mais quente, por ter passado pelo meu coração! Assim se combate a crápula. Como? Aproximando-nos dela. Assim se dá testemunho de Cristo. Como? Fazendo o que Ele manda.

Tudo o mais, é água benta.

A OBRA DA RUA, que se afigura de tão largos horizontes para a maior parte das gentes, não é, porém, tomada nessa conta por certos e determinados, na terra onde ela há dois anos se instalou, com a Casa do Gaiato das Ruas do Pôrto. Não é. Ali, é um bocadinho execranda. Em má hora, diz-se, se lembrou fulano (o fulano sou eu) de trazer para uma terra tão linda e de tão nobres tradições, os tarados, os viciosos, os imbecis—crápula. Esta mesma palavra e seu desdobramento, foi ouvida por nós, da boca de alguém, muito aborrecido e muito descontente, por via da triste empreza a que eu metera ombros:—o rebotalho em Paço-de-Sousa.

Ora eu, antes de me instalar no Norte, já tinha a experiencia da Casa de Miranda e sabia perfeitamente que a dita crápula me não havia de deixar mal, mesmo em terras de nobres tradições. Muito às avessas, os nados e creados no lugar onde estamos, é que se tem descomposto um nadinha, na presença destes seres perigosos. Assim, a nossa capoeira, já foi por duas vezes assaltada, com êxito total em uma delas. A nossa mata, escalada. De uma vez que o Sérgio ali foi increpar uma mulher, tais palavras ouviu que se veio embora, horrorizado; êle, cisco indesejável. A nossa canalisação de água, foi criminosamente violada por um habitante da terra de nobres tradições. Temos tido occasião de despedir da nossa casa, por actos desonestos, auxiliares indigenas, apontados e repelidos pela crápula que cá mora. De onde se conclue que o perigo social

Não creio que haja em Portugal casas de educação, com tantos gabinetes de leitura como a nossa.

Gabinetes de leitura

São os proprios rapazes que os fazem. Não sei quem é que se lembra de nos mandar de vez em quando A BOLA, o SPORTING, o STADIUM e mais coisas dos seus amores. Pois nesses dias, formam-se «gabinetes». Estendem o jornal no chão. Fincam-se nos joelhos e cotovêlos e desta sorte, à roda das noticias e das figuras, a discussão é tal que é preciso vêr para acreditar. Faz bem!

